

## Influência da Aceleração Temporal nas Atividades Pedagógicas de Leitura e de Escrita<sup>1</sup>

Eliana NAGAMINI<sup>2</sup>  
Faculdade Cásper Líbero (FCL)  
Faculdade de Tecnologia São Paulo (FATECSP)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir sobre as influências da temporalidade nas atividades pedagógicas de leitura e, conseqüentemente, de escrita. A constituição de um sujeito imerso na noção contemporânea de tempo e espaço é indicativa de que o processo didático-pedagógico de leitura e produção de textos necessita de maior compreensão. Mecanismos linguísticos de redução de palavras, em mensagens via internet, *tablets*, celulares, além do uso dos *emoticons* e *emojis* redefinem a maneira de ler e escrever textos. Nessa perspectiva, as novas formas de interação verbal e não verbal, concebidas na aceleração do tempo, acabam determinando outras estratégias de produção de sentidos.

**Palavras-chave:** leitura; escrita; temporalidade; escola; comunicação

### Introdução

Não há como negar os desafios que a escola – e os professores de Língua Portuguesa, principalmente – enfrentam, hoje, diante das novas formas de expressão. Sabemos o quanto é importante planejar atividades didático-pedagógicas para estimular a leitura e a escrita, porém com mudanças tão aceleradas nas ofertas de dispositivos midiáticos que acionam outros modos de interação (verbal e não verbal), torna-se quase uma aventura programar atividades que despertem interesse nos alunos, quando o mundo de fora da escola oferece uma gama de atividades muito mais dinâmicas do que ficar sentado lendo ou escrevendo; ou mesmo desenvolver a capacidade de concentração com o uso de celulares e *tablets* em sala de aula. Nada contra a presença das tecnologias na escola, mas o uso que se faz delas necessita de reflexões que considerem o contexto pedagógico.

Não é verdade, no entanto, afirmar que os jovens hoje não leiam ou escrevam como as gerações passadas. Ao contrário, nunca se fez tanto essas atividades: no ônibus, no

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP); docente no curso de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, docente no curso de secretariado da Faculdade de Tecnologia São Paulo.

metrô, na rua. O que mudou? Quais motivações levam à leitura ou à escrita? De qual linguagem estamos tratando?

Não é nosso objetivo resgatar a totalidade do percurso teórico e metodológico que se tem desenvolvido em pesquisas na área da Educação. O objetivo deste trabalho é refletir sobre as influências da temporalidade nas atividades pedagógicas de leitura e, conseqüentemente, da escrita. A constituição de um sujeito imerso na noção contemporânea de tempo e espaço é indicativa de que o processo didático-pedagógico de leitura e produção de textos necessita de maior compreensão. Mecanismos linguísticos de redução de palavras, em mensagens via internet, *tablets*, celulares, além do uso dos *emoticons* e *emojis* redefinem a maneira de ler e escrever textos. Nessa perspectiva, as formas de interação (verbal e não verbal), concebidas na aceleração do tempo, acabam determinando outras estratégias de produção de sentidos. Por isso, este estudo<sup>3</sup> localiza-se na interface Comunicação e Educação, visto que os processos comunicacionais interferem no processo educacional.

Justifica-se a escolha do tema pela preocupação em formar leitores, principalmente de obras literárias. Temos estudado – e aplicado – estratégias que tornem o exercício da leitura de gêneros literários prazeroso e significativo. Afinal, concordamos com Candido (2004), quando defende o direito de todo cidadão à literatura e, conseqüentemente, à fabulação.

Com essa perspectiva, buscamos caminhos para aproximar os jovens da leitura de textos literários como as adaptações cinematográficas (NAGAMINI, 2004), sem propor a substituição da leitura do texto original, mas como estímulo à reflexão sobre outras formas de expressão, construídas em linguagem audiovisual. Pois, acreditamos que o diálogo entre as várias linguagens e as formas diversas de construção de narrativas seja essencial para a formação do leitor crítico. Ademais, vale destacar que a Literatura além de proporcionar prazer estético também registra e participa da história das sociedades.

O estudo do processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita é pertinente quando consideramos o cenário contemporâneo, cujas demandas de consumo priorizam produtos materiais que proporcionam resultados imediatos, diferentemente da Literatura. A obra literária agrega valor simbólico, não mensurável, daí muitas vezes a falta de compreensão de sua importância, que ultrapassa a mera posse de objetos, pois tem alcance cultural, aspecto fundamental para a formação da sociedade e da cultura, como nos indica

---

<sup>3</sup> Salientamos que o conteúdo deste artigo trazem reflexões preliminares para o desenvolvimento de pesquisa a ser realizada com professores e alunos, dos vários níveis de ensino.

Candido (2000). Por isso, os professores precisam estar atentos aos novos modos de percepção dos jovens para – sem preconceitos – trabalhar as várias linguagens como possibilidade de expressão, principalmente nas relações entre o que é erudito e o que é contemporâneo.

Na perspectiva de Chartier,

o papel da escola não é apenas ensinar o aluno a ler, mas também suscitar nele o desejo ou a necessidade de leituras indispensáveis à sua formação enquanto cidadão, à sua relação com os outros e consigo mesmo. Ora, para que o professor possa introduzir seus alunos à literatura (e também à filosofia política ou às ciências sociais) ele mesmo precisa ser um leitor consciente da importância das obras do passado e do presente que, por sua complexidade, intensidade e qualidade de escrita levam a pensar – e a sonhar. É, portanto, na formação dos professores que deve ser assegurada a importância dos livros antigos ou modernos, capazes de dar aos homens e mulheres um conhecimento melhor da sociedade<sup>4</sup>.

Neste trabalho, no entanto, não trataremos especificamente da leitura de obras literárias, mas reconhecemos que todo processo de formação do leitor é fundamental para alcançar o prazer estético. Isso inclui textos de diferentes gêneros e registros de linguagem. Nossa hipótese é que as imposições da vida contemporânea, baseada na existência de um sujeito multitarefa que vai se constituindo pelo reduzido tempo para realizar as várias ações cotidianas, de modo fragmentado e sem momentos de reflexão, interferem nos modos de ler e de escrever, pois nos espaços de interação – principalmente virtual – o tempo é da “fala” cotidiana. Em decorrência, o uso da linguagem da internet, ou a chamada popularmente de internetês, também participa da formação do leitor/escritor, cujos espaços virtuais de socialização exigem a imediatez de respostas.

## **Leitores e leituras**

Na 4ª edição de Retratos da Leitura do Brasil<sup>5</sup>, alguns dados são relevantes para nossa reflexão. A pesquisa realizada pelo Instituto Pró-livro (2016, p.6) tem como objetivo “avaliar impactos e orientar políticas públicas do livro e da leitura”; “promover a reflexão e

---

<sup>4</sup> Entrevista de Roger Chartier para a Revista Observatório Itaú Cultural, n. 17.

<sup>5</sup> Publicação on-line dos resultados de pesquisa realizada com 5012 entrevistados sobre as relações livro/leitor, pelo Instituto Pró-livro em 2015. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48>

estudos sobre hábitos de leitura”; “promover ampla divulgação sobre os resultados das pesquisas”.

Dos resultados obtidos, selecionamos alguns que nos chamam atenção quanto ao hábito da leitura:

- Principal motivação para ler um livro (p.23), os maiores índices são: 25% pelo gosto, 19% atualização cultural ou conhecimento geral;

- Lugares em que costuma ler livros (p.32): até 2011 constavam 93% em casa, 33% na sala de aula, 12% na biblioteca e de forma genérica 8% para “outros lugares”. Em 2015, temos 81% em casa, 25% na sala de aula, mas também encontramos referências específicas para “outros lugares”, como parques, praças, shopping, praias ou clubes (7%); livrarias (5%); cyber café ou *lan house* (2%), cafeteria ou bares (2%);

- Gostaria de ter lido mais (p.35): 77% responderam sim;

- Razões para não ter lido mais: por falta de tempo (43%); porque prefere outras atividades (9%), porque não tem paciência para ler (9%); porque não há bibliotecas por perto (8%); porque acha o preço do livro caro (7%); porque se sente muito cansado para ler (7%);

- Dificuldades para ler (p.38): não tem paciência de ler (24%); lê muito devagar (20%); não tem concentração suficiente para ler (11%); não compreende a maior parte do que lê (8%).

Consideramos como dado positivo a leitura motivada pelo gosto, isto é, o leitor, no processo de formação, adquiriu prazer ao realizar tal atividade; além disso, a leitura ainda é considerada fonte de estudo e de conhecimento. Destaque-se que a pesquisa refere-se à leitura de livros, impressos ou digitais. Nos índices medidos a partir do nível de escolarização, observamos que o gosto pela leitura está mais presente entre os níveis fundamental I e II, com 29% e 30 %, respectivamente, caindo para 21% e 20% entre os níveis médio e superior. Nota-se que os níveis de escolarização com maior índice (fundamental I e II) coincidem com o período em que se trabalha com uma variedade de textos e, no caso da disciplina Língua Portuguesa, quando são indicadas obras literárias ou paradidáticos, cujas atividades tendem a ser mais lúcidas, pois não carregam a obrigatoriedade imposta por exames vestibulares como no ensino médio; no ensino superior, como se pressupõe escolhas dentre as várias profissões, as exigências nem sempre estão voltadas somente para leitura específica de livros.

O período de escolarização também coincide com as opções de lugares em que se leem livros. É significativo o fato de índices como os da sala de aula tenham maiores indicações, se considerarmos que a atividade de leitura concentra-se na escola, porém o universo familiar também exerce grande influência. Segundo Góes (2010),

o contato com os livros deve ser iniciado o mais cedo possível, não só pelo manuseio (livro ao alcance das crianças) como pela história contada, pela conversa (diálogo mãe-filho) ou jogos rítmicos. Devemos, portanto, além da orientação do professor através de palavras que estimulam, acrescentar o objetivo de fazer amar a leitura, para que o leitor se sinta o protagonista do seu aprendizado (GÓES, 2010, p.45).

Afirmativas que podem ser comprovadas na pesquisa realizada pelo Instituto Pró-livro, quando os participantes indicaram a pessoa que exercera maior influência no gosto pela leitura. No período que antecede o processo de alfabetização e nos níveis iniciais de escolarização, a mãe foi a pessoa com maior índice percentual; em segundo lugar, professor/professora foram os indicados, com destaque para a predominância do gênero feminino, muito participativo na formação do gosto pela leitura.

A falta de tempo foi o fator mais indicado para o impedimento da realização de atividades de leitura. É neste índice que iniciamos nossas reflexões acerca da temporalidade que se instaura no contexto contemporâneo, além da presença de índices relacionados à falta de paciência, falta de compreensão, falta de concentração e, principalmente, ao incomodo de ler devagar, pois é um ritmo que confronta a aceleração temporal, das ações cotidianas no cenário contemporâneo.

### **Sem tempo para ler**

Santaella (2015), citando os estudos de Will Stephen sobre o mapeamento do crescimento das sociedades humanas desde 1800, discute as relações da “grande aceleração”<sup>6</sup> climática com as transformações no campo comunicacional. Segundo a autora, não se trata de uma comparação linear, é antes de tudo o reconhecimento de que o processo de aceleração, apontado pelos geólogos, também pode ser observado – principalmente a partir da Revolução Industrial - nas transformações do campo comunicacional que culminam na Revolução Digital.

---

<sup>6</sup> Expressão utilizada no campo da geologia.

As cinco gerações midiáticas são destacadas por Santaella, em seus estudos, para mostrar como a passagem de uma geração para outra torna visível o processo de aceleração no campo comunicacional, são elas:

tecnologias eletromecânicas = cultura industrial massiva ou cultura do reproduzível (1826); tecnologias eletroeletrônicas, rádio e televisão, = cultura de difusão massiva (1896/1936); tecnologias dos *gadgets* = cultura das mídias ou cultura do disponível (1970-80); tecnologias computacionais = cultura do acesso (1990); tecnologias computacionais móveis = cultura da conexão contínua (2000) (2015, p. 52-53).

A Revolução Industrial contribuiu para o avanço da tecnologia transformando processos de produção, em seus aspectos da mecanização e, sobretudo, de informatização, exercendo forte influência não apenas nas formas de trabalho e de relações sociais, mas também na cultura.

A hibridização dos dispositivos midiáticos, como os aparelhos móveis, fez surgir sujeitos multitarefas, pois celulares, computadores, *tablets* concentram variados aplicativos que permitem tirar fotos, enviar mensagens assíncronas, conversar em tempo real por meio de chats e encontros síncronos, bem como pagar contas, fazer pesquisas, ler, escrever.

Por isso, Santaella destaca que nas gerações midiáticas:

a sequencialidade, é preciso repetir, não significa que uma geração foi levando a outra ao desaparecimento. Ao contrário, nenhuma tecnologia da comunicação borra ou elimina as tecnologias anteriores. Elas se juntam na composição intrincadíssima de uma cultura hiper-híbrida. A cultura, que caracteriza o nosso tempo, nasce da mistura de todas as formas de cultura, inclusive das eras culturais (oral e escrita) anteriores ao aparecimento de Gutenberg e das gerações tecnológico-midiáticas desde a revolução industrial, de modo que todas elas estão hoje interconectadas (p. 53).

O fato de termos a possibilidade de realizar várias tarefas ao mesmo tempo, mediadas pelos dispositivos midiáticos, foi modificando cada vez mais as relações com o tempo e com o espaço. O encurtamento de distâncias e a redução do tempo permitiu a construção de uma nova percepção e concepção de tempo e espaço. Ao invés do ócio, como se preconizava anteriormente, tornamo-nos submissos à necessidade de estar produzindo algo ou consumindo algo durante as 24 horas por dia.

Nesse sentido, a informatização das ações cotidianas provoca um fazer humano ininterrupto. Ou seja, cria-se a lógica do 24/7, apontado por Crary. Vale destacar que não são os aparelhos que impõe tal procedimento, mas por integrar a cultura acabam exercendo grande influência na vida cotidiana. “Ficar sem dormir e funcionar produtiva e

eficientemente” (CRARY, 2014, p.11), isto é, viver em vigília permanente nas 24 horas do dia, durante os sete dias da semana, conectados e antenados com o mundo sem diferenças entre dia e noite. Tarefas podem ser realizadas incessantemente. “O 24/7 anuncia um tempo sem tempo, um tempo sem demarcação material ou identificável, sem sequência nem recorrência” (Idem, p.39). Rompe com o conceito linear de tempo, da natureza, pois criamos artificialmente o dia, eliminamos a noite e, em consequência, produzimos e consumimos incessantemente<sup>7</sup>. De acordo com Santaella,

O papel que o campo comunicacional desempenha nessa nova fase do capitalismo global é relativamente evidente, não só porque se transformam as relações de produção, os atores e os objetos dessa produção, notoriamente simbólicos, portanto, de natureza comunicativa, mas também porque a sociedade do espetáculo intensificada, em que estamos mergulhados, exacerba a atração sedutora que o consumo fetichista de mercadorias, tão cego e inebriante quanto a paixão, desperta no ser humano, quaisquer que sejam suas faixas de renda. Há ofertas mercadológicas para os mais distintos tamanhos e estilos de bolsos (2015, p.56).

Ficamos expostos a uma infinidade de objetos e de demandas provocadas pelo uso de dispositivos, visto que

o ritmo incessante de consumo tecnológico impede que exista um tempo para que nos familiarizemos com um determinado produto, ou uma combinação deles, a ponto de esse produto integrar o cenário de nossas vidas (CRARY, p. 53).

Hoje, é difícil – quase impossível – realizar ações cotidianas sem auxílio de um dispositivo; dito de outro modo, criamos dependência, sobretudo, de dispositivos móveis que se tornaram praticamente parte do corpo, como órgão vital. Não duvidamos, inclusive, que se tivermos um apagão, boa parte das pessoas não saberá o que fazer para realizar as tarefas mais simples do cotidiano.

Longe de ser um meio para um conjunto maior de fins, o dispositivo é um fim em si mesmo; sua função é proporcionar ao usuário uma realização ainda mais eficiente de suas próprias tarefas e funções de rotina (CRARY, p.53).

---

<sup>7</sup> Consumo estimulado, inclusive, na madrugada, a exemplo das “ofertas da madrugada” de lojas virtuais com Fast Shop que, por sua vez, apostam na vigília do consumidor à frente do computador ou ao com o celular ligado, na cabeceira da cama.



A relação de simbiose entre os alunos e o celular tem sido motivo de conflitos no contexto escolar. Apontado como causador para a falta de interesse dos jovens, provoca mudanças nas formas de expressão, regidas pela necessidade de elaborar mensagens com rapidez cada vez mais acelerada. Ademais, o intenso fluxo de mensagens enviadas e recebidas impõe o ritmo de leitura e escrita, componentes para interação e socialização.

É compreensível que o ritmo acelerado da vida cotidiana, provoque intercorrências e tensões no contexto escolar. Citelli (2015), com base na Teoria da Aceleração de Hartmut Rosa e na lógica do 24/7 de Jonathan Crary, analisa as relações entre a aceleração do tempo e as práticas educativas que cristalizam as estratégias pedagógicas em planejamentos fechados, pautados pelas grades curriculares.

Para Citelli, os estudos no campo da Educomunicação, que estabelecem em sua natureza o diálogo na interface Comunicação e Educação, permite-nos repensar modos de ensinar e aprender, sobretudo na educação formal. Os ritmos do tempo social tensionam o tempo das instituições, ou seja,

os mecanismos da aceleração e da diversificação tecnológica criam os ambientes ou os fluxos no interior dos quais os indivíduos – respeitando-se particularidades culturais, de classes, econômicas – definem interesses, conformam valores, entram no debate público, assumem formações discursivas, ativam processos comunicacionais, enfim, singularizam mecanismos de integração na dinâmica social e de construção das sociabilidades. Diante deste quadro, o que se indaga é como, hoje, as instituições tradicionais, aquelas responsáveis, em tese, pela formação educativa, religiosa, política, ética, moral, à maneira das escolas, igrejas, partidos, família, etc., localizam-se frente aos mecanismos de aceleração social, da decisiva dominância dos mediadores tecnocomunicativos, do aparente desconforto resultante do “shrinking of the present” (CITELLI, 2015, p.5) .

É bom considerar que qualquer transformação que se pretenda desenvolver na escola, certamente não terá o mesmo ritmo produzido pelo ecossistema comunicacional, pois o fazer pedagógico exige “certa paciência”, um grau de concentração e focalização, reflexões e inflexões que demandam tempo para apurar o pensamento. Trata-se de romper com determinadas interdições que regem planejamentos fechados, impedindo o professor de propor estratégias mais adequadas ao ritmo de seus alunos.

Além disso, segundo Canclini,

a educação e a formação de leitores e espectadores críticos costumam frustrar-se pela persistência das desigualdades socioeconômicas, e também porque as políticas culturais se



desdobram num cenário pré-digital. Insistem em formar leitores de livros, e, à parte, espectadores de artes visuais (quase nunca de televisão), enquanto a indústria está unindo as linguagens e combinando os espaços: ela produz livros e também áudio-livros, filmes para o cinema e para o sofá e o celular (Canclini, 2008, p.18).

Desse modo, o reconhecimento de como os jovens alunos - nativos digitais - convivem com várias formas de expressão, construídas pelo e no universo digital, pode nos auxiliar nas práticas pedagógicas. E além de formar leitores, apontar mecanismos de resistência aos dispositivos midiáticos, que não deixam de impor comportamentos e modos de interação. Se a escola é considerada uma instituição reguladora, os produtos midiáticos também não deixam de exercer controle nas relações sociais.

### **Modos de ler e de escrever**

Diante da aceleração temporal, como incentivar o jovem a ler? Quais estratégias mais pertinentes no contexto da aceleração temporal em que os motivos para não ler são: não tem paciência, não gosta, perde-se muito tempo, lê devagar. Podemos considerar que a aceleração temporal funciona como mecanismo regulador das estratégias de leitura e, também, da escrita. A rapidez com que são exigidas as respostas acaba reduzindo o texto verbal e, muitas vezes, é substituído por imagens, ou por uma linguagem híbrida. Ocorre uma espécie de controle no comportamento que envolve tais atividades, criando uma maneira peculiar de construir realidades.

Aqueles momentos de concentração e imersão já não são mais possíveis. Não há diminuição da leitura, porém ocorrem mudanças no suporte em que se processa a leitura – do texto impresso para o digital. Até a questão corporal foi se modificando, visto que não se busca mais a poltrona e o silêncio da sala de estar. Hoje, lê-se no burburinho dos cafés – inclusive nas livrarias, que criaram espaços para lanchonetes, ou seja, os espaços públicos que incentivam momentos de multitarefas, de ações simultâneas. Não somente em livrarias, pode-se também ler em movimento, no metrô, no ônibus ou a pé, no percurso entre um lugar e outro, quando não estamos fazendo “nada”.

Especialmente mudamos a relação com a leitura, mais ainda em relação ao tempo. Talvez por isso para o jovem sintam-se tão entediado ao ficar preso a uma cadeira de sala de aula lendo um livro ou na solidão de sua casa, quando o mundo de forma está em pleno movimento e com muitas ofertas de atividades de lazer e de consumo.

É pela a exigência dos usos de tempo que o limite de caracteres foi sofrendo reduções nos vários dispositivos móveis. A necessidade de ler e escrever com maior rapidez, fez surgir formas abreviadas das palavras e de símbolos, como *emoticons*, *emojis*, trazendo novas percepções para a construção de sentidos do texto.

Pode-se dizer que estamos diante de um novo processo de “alfabetização” ou “letramento”<sup>8</sup>. De acordo com Souto e Silva,

a velocidade de comunicação exigida na Internet fez com que as pessoas das mais variadas culturas e falantes das mais diversas línguas desenvolvessem códigos próprios para se comunicarem. Surgiu, então, o internetês, uma mescla entre língua oral e língua escrita que dá rapidez ao processo de comunicação, numa tentativa de se aproximar da velocidade da língua falada (2008, s/p).

Faraco nos explica que

os internautas, especialmente os jovens, desenvolveram esse novo sistema de escrita que acabou sendo chamado de internetês, embora não seja uma “língua”, mas apenas um modo de grafar as palavras. (...)A invenção desse tipo de representação gráfica da língua decorreu da necessidade que os frequentadores dos chats têm de escrever com muita rapidez para manter o bate-papo cheio de vida (2010, s/p).

Nas redes sociais, o ritmo da conversação segue, de certo modo, o ritmo da oralidade, para justificar o uso das abreviações e das imagens. Além disso, tem potencial para aproximar as pessoas, na medida em que elimina determinadas marcas que possam revelar variantes linguísticas, como apontam Freitag e Fonseca e Silva (2006). O código abreviado, sem acentuações, pontuação e inserindo imagens de conhecimento comum, permite que a interação se estabeleça entre diferentes culturas.

De acordo com Recuero<sup>9</sup>, as redes sociais criam espaços de interação, pois “são lugares de fala construída pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade e individualidade” (2014, p.25), e lhes dão visibilidade. É a partir das expressões individuais que serão criadas as interações sociais e as conexões. A autora destaca que

---

<sup>8</sup> Utilizamos as duas palavras entre aspas porque não encontramos uma palavra que represente de forma abrangente para a noção de aprendizagem dessa linguagem, que mistura elementos linguísticos – e por isso poderia ser relacionado ao conceito de “letra” – com elementos visuais que expressão de estados emocionais – que nos parece muito peculiar pela sua carga de subjetividade e não uma linguagem simplesmente visual de representação de dados materiais.

<sup>9</sup> Recuero trata atores sociais como “construções identitárias do ciberespaço” (2014, p.25).

a interação é, portanto, aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social. Os atores entendem que a interação atua diretamente sobre a definição da natureza das relações entre aqueles envolvidos no sistema interacional. A interação, pois, tem sempre um caráter social perene e diretamente relacionado ao processo comunicativo (2014, p. 31).

E essa interação é construída, como destacamos, pela linguagem. Com a mediação dos dispositivos comunicacionais, pode-se realizar conversar síncronas, visto que

uma comunicação síncrona é aquela que simula uma interação em tempo real. Desse modo, os agentes envolvidos têm uma expectativa de resposta imediata ou quase imediata, estão ambos presentes (on-line, através da mediação do computador) no mesmo espaço temporal (RECUERO, 2014, p. 32).

A rapidez da escrita precisa seguir o ritmo da fala. Faraco indica que o internetês “é uma escrita que não segue a grafia normal da língua e que em muitos momentos lembra as abreviaturas que nós mesmos criamos para nossas notas pessoais de uma aula ou de uma conferência” (2010, s/p). O linguística nos aponta que, apesar de as reduções não se constituírem uma “língua”, muito já se convencionou para que a comunicação pudesse ser estabelecida, visto que o código medeia as relações e por isso deve ser de conhecimento dos interlocutores; sem isso, não há comunicação e, conseqüentemente, interação. Funciona como uma espécie de linguagem construída com lógicas semelhantes ao sistema taquigráfico – como aquele utilizado por secretárias para posteriormente recompor um discurso oral na escrita.

Assim, o processo de redução do código linguístico atende às expectativas de tempo utilizado para a tarefa. Sousa e Silva afirmam que

se trata de uma redução de caracteres com a finalidade de economizar tempo, numa tentativa de igualar a velocidade da ‘conversa’ on-line à velocidade natural da fala. Muitos destes caracteres possuem relação com a pronúncia da palavra a que se referem. Desta forma, ‘kd vc’ é facilmente compreendido por ‘cadê você’. Porém, casos como o de termos como ‘naum’ não constitui economia de tempo, apenas um modismo, em nossa opinião, apesar da prevalência da oralidade (2008, s/p).

Observamos, dessa maneira, que há duas modalidades de escrita, uma que propõe a redução das palavras e outra que tem relações com o uso corrente de determinadas palavras, de acordo com o grupo a que pertencem os interlocutores que, apesar de não se caracterizar pela abreviação, aproxima-se da oralidade. São marcas importantes que projetam a visibilidade dos participantes da conversa, na medida em que revela a frequência e ambientação com o meio.

Bom exemplo de atividade com a linguagem da internet é apontada por Sousa e Silva. Os autores propõe a retextualização da linguagem internetês, com base nos estudos de Marcuschi, como uma maneira de perceber as diferenças entre a oralidade e a escrita. Segundo os pesquisadores,

ocorrem poucas estratégias de eliminação, que dão lugar a estratégias de inclusão, visto que o pouco uso de caracteres no internetês propicia esta condição em parte dos casos. Além disso, faz pouco uso da paragrafação, devido à brevidade das mensagens virtuais, em sua maioria (SOUSA e SILVA, 2008).

Concordamos com Faraco quando afirma que os professores de língua portuguesa precisam mostrar aos seus alunos as diferenças das linguagens usadas nas várias situações comunicativas, por isso o “internetês” pode e deve compor o conteúdo em sala de aula. Além disso, como destaca Canclini (2014), sabemos que muito se lê e se escreve na tela. E se é importante mostrar ao aluno as diversas maneiras de se expressar na escrita, também é pertinente saber como se lê e para quê.

Podemos dizer que, enquanto o uso das “palavras”, em sua forma reduzida, pressupõe o conhecimento da língua materna, a linguagem dos *emoticons*, *emojis* é adquirida em experiências vivenciadas nos momentos de interação virtual. Surge, nesse sentido, uma linguagem híbrida. Conforme França (2016) nos lembra, é revelador a forte influência da linguagem na internet, visto que a “palavra do ano”, em 2015, escolhida pelos dicionários Oxford foi “chorando de rir”. Segundo a pesquisadora:

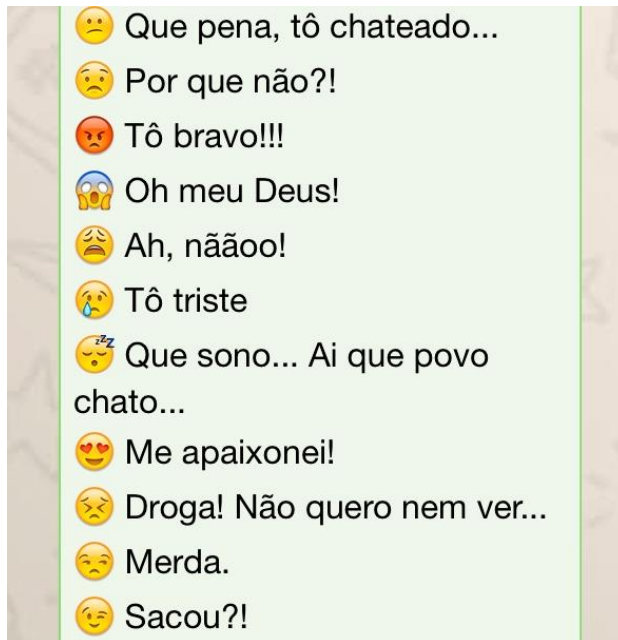
o “alfabeto da internet” inclui *Emoticons*, *Smileys* e *Emojis*. Os *Emoticons* (resultado da junção das palavras *emotion+icons*) funcionam como unidades mínimas de significação, construindo um texto capaz de atravessar, em certa medida, as barreiras impostas pelo domínio de diferentes idiomas, possibilitando, dessa forma, uma comunicação de ordem global (2016, s/p).

Além disso,

o verbete “*emoji*” (termo derivado do japonês *e*-imagem+ *moji*-letra ou de *e+mo* (escrita)+ *ji*(personagem) foi incluído no dicionário Oxford em

agosto de 2013, juntamente com uma série de outros termos ligados ao universo da comunicação digital (2016, s/p).

Em sites da internet, é possível verificar o significado das “carinhas”, como no quadro<sup>10</sup> abaixo:



Como observamos, cada carinha representa uma expressão, que tem um caráter emocional e subjetivo, sem conter maiores contextualizações. Há, inclusive, várias formas visuais para diferentes dispositivos de interação.

Podemos dizer que esses sites exercem uma espécie de “alfabetização” para a linguagem da internet e revelam uma linguagem centrada no sujeito, pois expressa seus sentimentos. A nosso ver, nada mais é do que uma estratégia para instaurar afetividades. Talvez como estratégia para eliminar a frieza da uma relação meramente virtual e aproximar seus interlocutores, fazendo-os presentes na representação dos símbolos utilizados. Nesse sentido, os *emoticons* e *emojis* exercem dupla função: economizam o tempo de leitura e de escrita e diminuem a distância entre os interlocutores.

<sup>10</sup> Disponível em

[https://www.google.com.br/search?q=significado+das+carinhas+emojis&rlz=1C1CAFB\\_enBR601BR647&espv=2&biw=1366&bih=623&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjE8Lif4pHOAhWDW5AKHYOUDvMQsAQIGw#imgrc=](https://www.google.com.br/search?q=significado+das+carinhas+emojis&rlz=1C1CAFB_enBR601BR647&espv=2&biw=1366&bih=623&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjE8Lif4pHOAhWDW5AKHYOUDvMQsAQIGw#imgrc=)

## Algumas considerações

Apontamos a importância do uso da linguagem da internet como forma de interação e socialização e, por isso, propomos o desenvolvimento de estudos que nos permitam compreender quais fatores influenciam na leitura e na escrita, principalmente quando verificamos as mudanças na percepção do tempo. Nosso grande desafio, como professores, é ultrapassar as barreiras que impedem a leitura mais prazerosa e a escrita de acordo com as regras da língua materna. Vale dizer que se de um lado a linguagem da internet proporciona ao jovem a noção de pertencimento, de socialização e de interação com sua comunidade, de outro lado, dominar a língua padrão também pode garantir sua inserção em outras esferas sociais, como a do universo do trabalho, na vida adulta.

As pesquisas com a leitura não somente do texto impresso, mas principalmente nas relações entre o texto impresso e o texto digital, podem auxiliar o professor nas atividades de leitura considerando, inclusive, o tempo destinado para a tarefa e os modos de ler. Investigações mais profundas devem ser realizadas, sem a preocupação em medir leituras, mas observando-se prioritariamente como são adquiridas e exercitadas as competências de leitura (CANCLINI, 2014), diante da aceleração temporal.

## REFERÊNCIAS

CANCLINI, N. G. **Leitores, espectadores e internautas**. Trad. Ana Goldenberg. São Paulo: Iluminuras, 2008.

\_\_\_\_\_. Quanto ou como se lê? Refazer perguntas. In: **Revista Observatório Itaú Cultural**. São Paulo: Itaú Cultural, n. 17, ago/dez 2014) (edição digital)

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8ªed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

\_\_\_\_\_. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 4ªed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

CITELLI, A.O. Comunicação e Educação: o problema da aceleração temporal. In: **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Comunicação e Cidade Espetáculo**. Marialva Carlos Barbosa, Maria do Carmo Silva, Cristina Rego Monteiro da Luz, Amaury Fernandes (org). São Paulo: Intercom, 2015.

CRARY, J. **24/7. Capitalismo tardio e os fins do sono**. Trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FARACO, C.A. Você entende internetês?. In: **Revista Linguagem**. São Carlos: UFSCAr, n. 13, 2010.

FRANÇA, L.C.M. A linguagem dos emojis e a reinvenção do alfabeto. In: FRANÇA, L. CM e FERREIRA, L P S (orgs). **Ciberartigo. Linguística, hipertexto e educação**. Aracaju: editora criação, 2016 (e-book).

FREITAG, R.M.K.; FONSECA e SILVA, M. Uma análise sociolinguística da língua utilizada na internet: implicações para o ensino de língua portuguesa. In: **Revista Intercâmbio**. Volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

GÓES, L.P. **Introdução à Literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.

NAGAMINI, E. **Literatura, televisão, escola. Estratégias para leitura de adaptações**. São Paulo: Cortez, 2004)

SANTAELLA, L. Aceleração e o campo comunicacional. In: **Revista Intertexto**. Porto Alegre: UFRGS, n. 34, set/dez, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201534.46-59>

SOUSA, A. A., SILVA, S.M.T. A retextualização do uso do internetês como prática escolar. In: **Anais do 2º Simpósio Hipertexto e tecnologias da educação. Multimodalidade e ensino**. Recife: UFPE, 2008.